Opinião Socialista

Ano XIII - Edição 378 - Colaboração: R$ 2 - De 21/05 a 03/06/2009 - www.pstu.org.br

VALE PREPARA MILHARES DE DEMISSÕES

MESMO COM 12 BILHÕES DE DÓLARES EM CAIXA, MINERADORA VAI REALIZAR DEMISSÕES EM MASSA

Lista de Demitidos

CORREIO INTERNACIONAL
O SIGNIFICADO DA VITÓRIA DA FMLN

Páginas 9, 10 e 11

RIO GRANDE DO SUL: FORA YEDA!

Página 5

SIMONAL: SUINGUE X ALIENAÇÃO

Página 12

HÁBITOS DA CASERNA 1 – As Forças Armadas brasileiras gastaram mais de R$ 3,5 milhões no chamado cartão corporativo. Muitos desses gastos são com restaurantes, hotéis e festas.

PÁGINA DOIS

HÁBITOS DA CASERNA 2 – Um exemplo foi o gasto de R$ 5 mil de um oficial da Aeronáutica com diárias no melhor hotel fazenda do Brasil, segundo uma reportagem da revista IstoÉ.

NA MÍDIA

Entre 2003 e 2008, o governo Lula gastou R$ 6,3 bilhões em publicidade, segundo dados da Secretaria de Comunicação Social (Secom). A média anual dos gastos seria da ordem de R$ 1 bilhão, mas só em 2006, ano das eleições presidenciais, o gasto com publicidade do governo ultrapassou R$ 1,2 bilhão. Os gastos com publicidade são próximos aos do governo Fernando Henrique (PSDB), que manteve média de R$ 1 bilhão para publicidade de 2000 a 2002.

DESEMPREGO

Segundo os dados da pesquisa mensal de emprego da Fiesp, o número de postos de trabalho na indústria em São Paulo teve em março queda de 1,09% em relação a fevereiro. Parece insignificante, mas o resultado significa queda de 6,76% em relação a março de 2008. Isso representa o fechamento de 172.500 vagas nesse período – a maior queda desde 2006.

CHARGE / AMÂNCIO

INVESTIMENTOS NA SAÚDE PÚBLICA

Amâncio 2009

PÉROLA

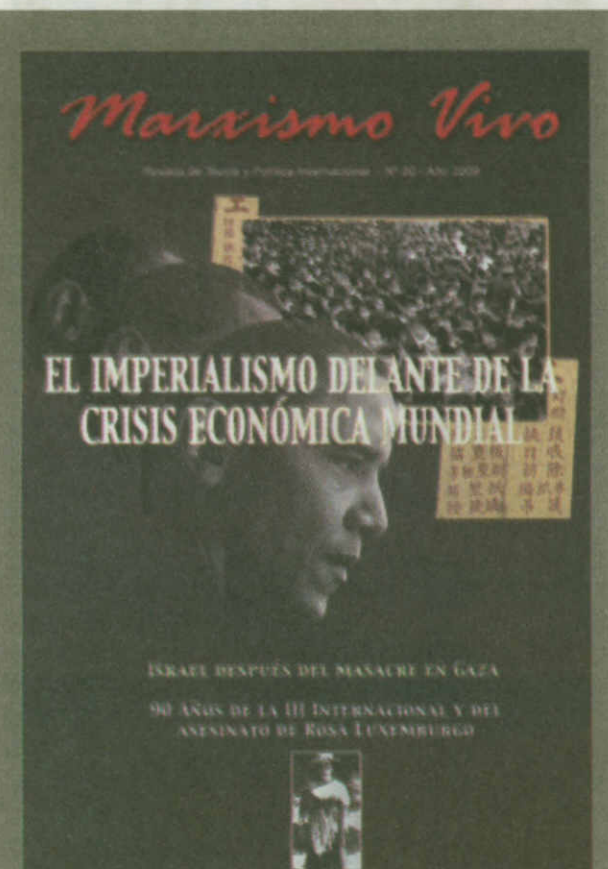
A opinião pública elegeu Hitler, Mussolini e Collor. E absolveu Barrabás

ABERLADO CAMARINHA, deputado federal (PSB), em declaração de apoio a Edmar Moreira, o parlamentar que disse estar "se lixando para a opinião pública".

TRABALHADORES PROTESTAM

Trabalhadores da Fiat manifestaram-se em Turim, no norte de Itália, contra a ameaça de fechamento de fábricas e pela garantia do emprego. Os funcionários temem que os projetos de fusão em curso com a Opel fechem os postos de trabalho na Itália.

FORTALEZA REBELDE

Funcionários municipais de Fortaleza estão em estado de greve e vários setores já estão paralisados. As greves em curso são uma reação à política de Luizianne Lins, a prefeita do PT, que corta o orçamento e estabelece como regra o congelamento dos salários. O Sindfort – sindicato geral dos municipários da capital cearense – encabeça um impressionante processo de mobilização, atrapalhando os planos da prefeita petista.

ACONTECEU nos 15 anos

PSTU 15 ANOS

NOTÍCIAS QUE ENTRARAM PARA A HISTÓRIA DO PARTIDO — *FATOS DE 21 DE MAIO A 3 DE JUNHO*

2004
UNIVERSIDADE NA MIRA

Na edição nº 175, o Opinião publica uma charge na capa denunciando a reforma Universitária apresentada pelo governo Lula e pelo então ministro da educação, Traso Genro. "O projeto de reforma Universitária, se aprovado, proporcionará um salto na privatização das universidades públicas e salvará os tubarões do ensino privado; o que abre caminho para a transformação da Educação em mercadoria", afirma um artigo da edição

OPINIÃO SOCIALISTA

A CRISE DA UNIVERSIDADE E A AMEAÇA DA REFORMA

ENCONTRO NO RIO PREPARA LUTA DOS ESTUDANTES

UNIVERSIDADE PÚBLICA VENDE-SE

1998
VAGABUNDO É VOCÊ!

No dia 13 de maio na França mais de um milhão de franceses foram as ruas em varias cidades do país contra a reforma da Previdência proposto pelo governo frances de Jacques Chirac. A edição nº151 comenta a onda de greves no país: "No dia 25 uma outra manifestação em Paris reuniu mais de 600 mil manifestantes, no entanto o governo se nega a recuar em sua reforma, que será votada em 28 de junho.

A resposta dos sindicatos foi a convocação de greves parciais nos transportes e na educação e anunciou para o dia 03 de junho uma greve geral dos servidores públicos".

2003
A CUT NUMA ENCRUZILHADA

Na edição nº 151 o Opinião Socialista dedicou uma suplemento especial sobre o 8º Congresso Nacional da CUT (Concut). A principal matéria colocava o que estava em discussão na época: a relação da central com o recém eleito governo Lula: "o tema central que deve cruzar todo o debate neste CONCUT será a relação da CUT com o governo Lula. A ascensão de um governo de coalizão de classes, mas chefiado pelo Partido dos Trabalhadores e pela mesma corrente política que é majoritária na direção da nossa central, coloca a CUT frente ao dilema de ser ou não ser "governo", de preservar ou não a autonomia e independência frente ao governo" .

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3015-0010 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 50015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Edifício Aliança, R. Neno Felipe, 43, Sala 202, B. Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

VALE E EMBRAER, DUAS BATALHAS

Diego Cruz

Toda a campanha que afirma que "o pior já passou" na crise econômica vai sofrer duros golpes da realidade no próximo período. Os dados do primeiro trimestre deste ano na Europa e em todo o mundo confirmam que a crise está se agravando e não acabando, como dizem a mídia e o governo.

Serão divulgados no início de junho os dados da evolução do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro no primeiro trimestre. É inevitável que se constate o que viemos dizendo desde o início do ano: o país já está em recessão aberta. Os dois trimestres sucessivos de queda na produção são uma comprovação categórica disso.

Por outro lado, grandes empresas já estão ameaçando demissões em massa. A Vale é uma delas. Já a Embraer demitiu 4.270 trabalhadores em fevereiro, e isso originou uma grande campanha nacional da Conlutas (posteriormente construída em unidade de ação com outras centrais). A Vale ameaça agora demitir 15 mil trabalhadores, algo que deve gerar uma campanha ainda maior.

As demissões revelam que a privatização dessas duas empresas foi um verdadeiro atentado contra o povo brasileiro.

A Embraer foi privatizada em 1994 por R$ 154 milhões. Seu valor real hoje é de pelo menos R$ 17 bilhões - cem vezes maior do que preço pelo qual foi vendida. Em apenas um semestre, o primeiro de 2008, a Embraer teve lucros de R$ 240 milhões, ou seja, bem mais que seu preço de venda. Distribuiu dividendos de R$ 50 milhões a 12 de seus executivos (R$ 6 milhões para cada). Uma verdadeira bofetada na cara dos 4.270 demitidos.

A Vale, por sua vez, foi privatizada em 2007 por R$ 3,3 bilhões, uma mamata ainda maior do que a Embraer. Só em 2008 seu lucro foi de R$ 21 bilhões, quase sete vezes o preço pelo qual foi vendida. Só como dividendos para seus acionistas, a empresa vai distribuir o equivalente a mais de duas vezes seu preço de compra. Em 2008, a mineradora pagou a seis executivos cerca de R$ 13 milhões (mais que o dobro pago pela Embraer). É como se esses executivos ganhassem uma Mega Sena por ano! Agora, a empresa quer demitir 15 mil trabalhadores, o que poderá provocar mais de 200 mil demissões, levando-se em conta que cada emprego da Vale gera mais 13 em outras empresas.

A ameaça da empresa é para valer. Trata-se de uma multinacional dirigida por fundos de investimentos, algo muito semelhante à Embraer. Alguns desses fundos são exatamente os mesmos da empresa de aviões. Como o Barclays, o Templeton e o JP Morgan, que são os mesmos donos das duas empresas, assim como de centenas de outras companhias mundo afora.

> **As demissões na Vale podem significar desastres ainda maiores do que os cortes na Embraer**

Como resultado do plano neoliberal bancado pelos governos do PSDB (e mantido por Lula), empresas estratégicas do país foram entregues ao capital estrangeiro, que decidem o que fazer com a economia sem nenhum compromisso com o país.

As demissões na Vale podem significar desastres ainda maiores do que as demissões na Embraer. Isso porque as demissões na mineradora levarão várias cidades que dependem economicamente das minas à falência completa.

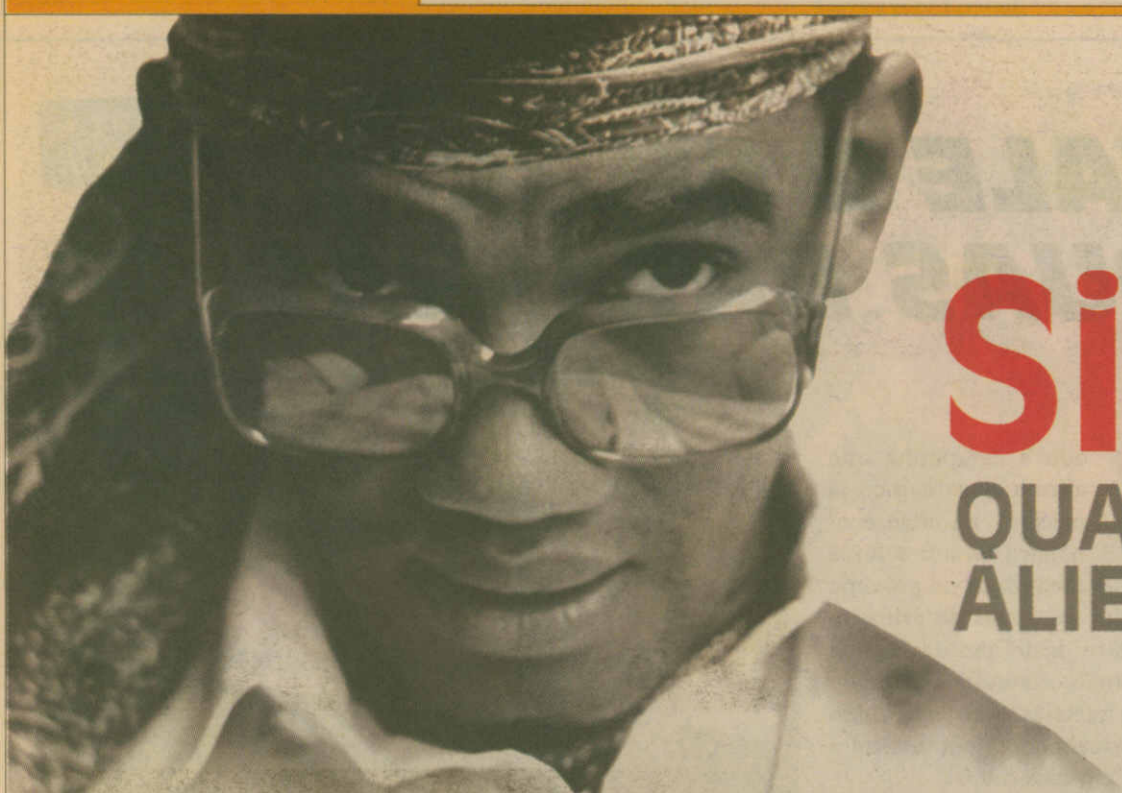
O único objetivo que move esses fundos é o de conseguir mais e mais lucros. O Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos já demonstrou como seria possível manter os 4.270 trabalhadores da Embraer. Bastaria reduzir uma parte dos fabulosos lucros da empresa.

Isso é ainda mais escandaloso no caso da Vale, que tem em caixa mais de US$ 12 bilhões, o suficiente para pagar todos os funcionários da empresa por seis anos. Não existe, portanto, nenhuma necessidade de demitir 15 mil trabalhadores.

Assim como na Embraer, o governo Lula pode impedir as demissões. O governo tem a chamada ação Golden Share, isto é, o poder de veto sobre algumas decisões da empresa. O presidente pode usar esse instrumento, por exemplo, para evitar as demissões.

É preciso uma grande campanha unitária contra as demissões na Vale e pela reintegração dos demitidos da Embraer. Um dos instrumentos para isso é o abaixo-assinado lançado pela Conlutas, que inclui a defesa da reestatização da Embraer e da Vale.

Também está sendo organizada uma grande mobilização para o dia 2 de junho nos portões da Vale. Além disso, um novo dia nacional de luta está sendo preparado para a primeira semana de julho, num chamado unitário da Conlutas e Intersindical, por um lado, e da CUT e Força Sindical, por outro.

Está na hora de começar outro capítulo na luta contra as demissões no país.

Simonal
QUANDO A ARTE E A ALIENAÇÃO COLIDEM

WILSON SILVA,
da Redação

Em primeiro lugar, é preciso dizer que "Simonal: ninguém sabe o duro que dei", documentário dirigido por Cláudio Manoel, do grupo Casseta & Planeta, Micael Langer e Calvito Leal, é imperdível. Não só por suas qualidades artísticas, mas também pelo seu tema.

Quem ver o filme poderá entender por que Wilson Simonal (1938 – 2000), negro e filho de uma empregada doméstica, transformou-se, sem dúvida alguma, em um dos mais importantes cantores de nosso país. Aliás, mais do que um intérprete e compositor, Simonal foi um "showman", capaz, como poucos, de cativar e empolgar o público com seu repertório ousado, onde samba, rock, música pop e influências diversas da música negra se encontravam e se renovavam.

Uma figura marcante, capaz de levar mais de 30 mil pessoas ao delírio num histórico show realizado no Maracanazinho, ou de manter espectadores grudados na tela, nas suas muitas aparições na televisão, durante os anos 1960. Um personagem tão influente que, diga-se de passagem, inspirou o nome de toda uma geração de jovens negros que nasceram naquela década.

Tudo isso está num filme primorosamente dirigido, recheado com depoimentos e imagens de época. E que, acima de tudo, não deixou de colocar o dedo numa das feridas ainda abertas dos tempos da ditadura: o envolvimento de Simonal com o famigerado Departamento de Ordem Social e Política (Dops), cuja repercussão fez com que o cantor "caísse em desgraça" no cenário musical brasileiro.

GENIALIDADE ARTÍSTICA E ATROCIDADE POLÍTICA

Antes de entrarmos nesta história, cabe lembrar que genialidade artística, origem na pobreza e o fato de pertencer a um setor oprimido estão longe de servir como "vacina" ou atestado de isenção contra atrocidades políticas.

Apenas para citar dois exemplos mundialmente famosos, basta lembrar que o "doido" surrealista Salvador Dalí delatou o seu colega de movimento e cineasta Luis Buñuel, provocando sua demissão do Museu de Arte Moderna de Nova York, quando o último se encontrava exilado nos EUA e, depois, apoiou efusivamente a tirânica e sanguinária ditadura espanhola de Franco. Já o homossexual Marcel Proust, autor do fantástico "Em busca do tempo perdido", nunca escondeu seu ultra-conservadorismo político.

Infelizmente, Simonal também merece local de destaque nessa infame galeria. Independentemente de "exageros" e da possível contribuição do racismo e do "preconceito de classe" (como veremos abaixo) nas dimensões que a história tomou, o fato é que o cantor foi diretamente responsável pela prisão e tortura de seu contador, Raphael Viviani, que, depois de mover uma ação trabalhista contra Simonal, foi acusado de roubo pelo cantor.

Isso em pleno ano de 1971, quando o mais canalha dos ditadores, o general Garrastazu Médici, promovia uma guerra de extermínio contra a esquerda brasileira.

O episódio está todo no filme, com um comovente depoimento de Raphael; falas de Jaguar e Ziraldo, que alimentaram a polêmica nas páginas do Pasquim e, inclusive, de gente (cuja postura política dispensa comentários) como Pelé e Chico Anysio, dentre outros. Estes tentam limpar a barra de Simonal, apontando um suposto "patrulhamento da esquerda" como responsável pelo tristíssimo fim da carreira do cantor, que nunca se recuperou do baque, tornou-se alcóolatra e morreu de cirrose num quase total esquecimento.

Talvez que seja daí que brote a maior força e beleza do filme. Ao contrário de se posicionar ao lado daqueles que, hoje, querem fazer uma revisão da história, chegando a falar numa tal "ditabranda" (irmã gêmea de perigosas bobagens como a tese de "racismo cordial" que circula pela mídia), "Simonal: ninguém sabe o duro que dei" pode ser visto como uma tentativa honesta de resgatar a importância artística do cantor e recolocá-lo na história da música brasileira, algo que fica particularmente evidente nas falas finais de seus filhos, os também músicos Max de Castro e Simoninha.

> **Famoso e influente, Simonal preferiu a "pilatragem" à crítica; excluído socialmente, rendeu-se ao "ufanismo" da ditadura**

UM "ALIENADO ÚTIL"

Apesar de também não ser enfático neste sentido, é possível ver no filme que o destino de Simonal foi traçado por ele próprio e teve origem numa outra "desgraça": a alienação.

Na primeira cena em que o vemos, Simonal conta uma "piada" que é sintomática em relação ao quanto ele se rendeu à lógica do sistema: seu anjo da guarda teria lhe dito "ou vai ser alguém, ou vai morrer crioulo mesmo". E sua obsessão por "ser alguém", e não "um crioulo", não tinha limites e lembra em tudo a trajetória dos atuais jogadores de futebol e pagodeiros.

A fortuna que ele acumulou nos primeiros anos de carreira foi gasta em carros de luxo, badalação, ostentação e loiríssimas acompanhantes.

Alienando-se de sua origem, de sua negritude e da própria situação política que o país atravessava, Simonal colocou sua genialidade e talento a serviço de quem ou daquilo que lhe pagasse mais. Algo que marcou, inclusive, parte de seu repertório e entrevistas, recheados de citações machistas, homofóbicas e, salvo raras exceções, totalmente equivocadas do ponto de vista racial.

Endinheirado, transformou sua origem pobre em arrogância; famoso e influente, preferiu a "pilatragem" à crítica; excluído socialmente, rendeu-se ao "ufanismo" da ditadura e, quando se viu ameaçado, buscou auxílio entre seus poderosos contatos.

O fato de que a ditadura tenha se aproveitado disso, principalmente através da figura do inspetor do Dops Mário Borges, que, em entrevista à imprensa, apontou Simonal como informante, não é de causar surpresa. A postura do cantor, ao não negar a história, mas pelo contrário, propagandear que "era assim com os homens", é exemplar de sua alienação e irresponsabilidade.

TRIBUTO E JUSTIÇA HISTÓRICA

Por fim, seria também irresponsável de nossa parte não lembrar que o fato de Simonal ter sido um negro que invadiu o mundo dos brancos, flertou com suas mulheres e alcançou um "status" inimaginável para o filho de uma empregada doméstica, em muito contribuiu para que ele tenha sido jogado para o limbo da história.

Isso, de forma alguma, pode ser utilizado como "justificativa" ou "desculpa" para o asqueroso papel que ele cumpriu, mas, justiça seja feita, não pode ser uma coincidência que um bando de outros artistas que tiveram relações ainda mais promíscuas com os militares tenham passado ilesos ao período democrático.

Melhor teria sido que Simonal tivesse deixado como herança apenas sua música suingada e sua genialidade como cantor. Mas a história não é feita de "se" ou "talvez". Porém, também é feita de contradições.

E, neste sentido, Simonal foi um poço sem fundo. Algo que, no documentário, fica melancolicamente marcado em um de seus mais belos e constrangedores momentos. Cercado de loiras bailarinas e tendo um "carrão" ao fundo, Simonal pede licença para dedicar uma canção que fez (juntamente com Ronaldo Bôscoli) para seu filho recém-nascido: "Tributo a Martin Luther King". Uma música cuja letra, lamentavelmente, o próprio Simonal nunca assimilou:

> **"Sim, sou um negro de cor**
> **Meu irmão de minha cor**
> **O que te peço é luta sim, luta mais**
> **(...) Com uma canção também se luta irmão".**

FORA YEDA JÁ!

CAIXA DOIS REVELA MAR DE LAMA no governo do Rio Grande do Sul

JULIO FLORES E VERA GUASSO, de Porto Alegre

Nas últimas semanas, uma avalanche de denúncias de corrupção contra o governo tucano do Rio Grande do Sul foi amplamente divulgada por uma revista de circulação nacional. Essas denúncias, feitas anteriormente por parlamentares do PSOL, ganham agora mais notoriedade tornando impossível qualquer tentativa de abafar o caso.

Em seus dois anos e meio de governo, Yeda Crusius não conseguiu construir uma base sólida de apoio nos mais variados setores da sociedade.

A governadora acabou encontrando resistência não só no movimento de massa, mas também nos vários setores da burguesia. Algo que se expressou em vários momentos: na derrota da proposta de aumento de impostos; nos vários secretários que deixaram seus cargos em função de denúncias; na postura de oposição de seu vice-governador; na não renovação do contrato dos pedágios com as concessionárias, antes de seu vencimento; na questão ambiental e na liberação de áreas para plantio de árvores às multinacionais; e, finalmente, na própria dificuldade de votar na Assembleia Legislativa o desconto dos dias parados na greve do magistério. Apesar dessa fragilidade, Yeda é a fiel defensora do neoliberalismo e representante desse projeto no estado.

São várias as crises e denúncias contra o governo, mas até agora Yeda conseguiu manter seu cargo à custa da troca de praticamente todo o secretariado, de mudanças na base aliada, da interferência no Ministério Público Estadual, além da mão de ferro contra os movimentos sociais e de muita propaganda enganosa.

Fragilizada pelos embates que tem provocado com os servidores públicos, em especial com o CPERS (sindicato dos trabalhadores em educação), o governo tucano dá sinais de isolamento e fragilidade. Já antes dos últimos enfrentamentos com os servidores, a governadora já acumulava os piores índices de aprovação da história. Sua aprovação não passava dos 9%.

Os elevados índices de rejeição, a simpatia pela greve dos trabalhadores em educação no final do ano passado e as disputas e crises dentro de sua própria base aliada são provas do desgaste que o governo tucano acumulou ao enfrentar os interesses da maioria da população.

CORRUPÇÃO E CAIXA DOIS: NÃO SÃO EXCEÇÃO

A população gaúcha, que já tem sido penalizada pelas consequências da crise econômica, agora descobre detalhes do esquema de corrupção envolvendo a campanha eleitoral e o governo de Yeda.

A corrupção de integrantes do governo não é de hoje. O escândalo no Detran (Departamento Estadual de Estradas e Rodagens), de onde foram desviados mais de R$ 40 milhões através de um esquema de licitação, foi encoberto tirando de circulação integrantes do governo, com interferência no Ministério Público e criação de empecilhos na CPI da Assembleia Legislativa.

Ao explodirem novas denúncias, fica a certeza de que apenas foi revelada a ponta do iceberg de um grande mar de lama. Uma sujeira que envolve a estrutura de poder político em suas esferas, municipal, estadual e federal. A corrupção faz parte do sistema capitalista, em que corruptores de plantão sempre estão dispostos a financiar campanhas e candidatos para depois se beneficiar dos cofres públicos.

EDUCAÇÃO

Só na educação, Yeda e sua secretaria da "deseducação', Mariza Abreu, provocaram um verdadeiro caos e desmonte. Já são mais de 115 escolas fechadas e faltam profissionais em sala de aula e nos demais serviços escolares. Além disso, não existe concurso para nomeação de profissionais. As escolas só recebem 70% das verbas a que teriam direito e há um processo rápido de municipalização e privatização da educação estadual.

Como se não bastasse, a governadora ainda pretende destruir os direitos conquistados no plano de carreira, assim como a gestão democrática nas escolas, o que já provocou uma greve no final do ano passado e várias campanhas pelo Fora Yeda.

O MAR DE LAMA DE YEDA

Julho de 2008 – Yeda demite vários assessores, entre eles o chefe da Casa Civil, Cézar Busatto, flagrado em grampo telefônico onde reconhece o uso de estatais no financiamento de campanhas eleitorais.

Agosto de 2008 – O empresário Lair Ferst, ex-coordenador da campanha Yeda, confirma o desvio de R$ 44 milhões do Detran-RS. O esquema de fraude também é confirmado por Marcelo Oliveira Cavalcante, ex-chefe do escritório de representação do Rio Grande do Sul em Brasília. Em fevereiro, Marcelo é encontrado morto no Lago Paranoá.

Maio 2009 - Novas gravações mostram que Carlos Crusius, o marido da governadora na época da campanha eleitoral teria recebido, logo após a eleição de Yeda, a quantia de R$ 400 mil de duas fabricantes de cigarro. O dinheiro teria sido utilizado no pagamento de contas pessoais do casal e na compra de uma casa em bairro nobre de Porto Alegre.

Só o povo na rua pode colocar governadora para fora

CPERS E FÓRUM DOS SERVIDORES PÚBLICOS estão no caminho certo

Várias entidades de servidores públicos estão fazendo campanhas esclarecendo a população sobre a verdadeira face do governo Yeda. No início do ano, servidores foram impedidos de continuar uma campanha de mídia que mostrava a cara da governadora associada ao desmonte dos serviços públicos.

Já foram realizados vários atos públicos na capital e no interior para dar sequência à campanha pelo "Fora Yeda". Todos os protestos tiveram forte presença da juventude e de servidores e contaram com amplo apoio da população.

Ao longo deste mês, os servidores estão promovendo um calendário de mobilização que teve seu auge em um ato estadual no último dia 15. Mesmo prejudicado pela forte chuva que caiu na capital gaúcha, o protesto reuniu mais de mil pessoas e manteve forte a pressão pelo Fora Yeda. Apesar da importância dessas mobilizações é preciso ampliá-las para garantir o fim do governo tucano.

Sem mobilização da população nas ruas não haverá qualquer possibilidade de tirar a governadora. Já tivemos o exemplo da CPI do Detran, em que a ausência de mobilização não conseguiu provocar mais do que uma crise passageira.

Para o PSTU, o caminho é a intensificação das mobilizações dos servidores públicos, além da exigência de que as principais direções do movimento social do estado (em particular CUT e PT) entrem para valer na campanha pelo Fora Yeda.

Essa luta também se dirige ao vice-governador, Paulo Feijó (DEM), parte do esquema de corrupção e defensor do projeto neoliberal. Ele já defendeu publicamente a privatização do banco estadual (Banrisul) e de outras estatais.

As conquistas de que precisamos apenas serão realizadas se ampliarmos nossa mobilização e não depositarmos nenhuma confiança em nenhum governo, mas apenas em nossa luta e organizações da classe.

Vale prepara milhares de demissões

SEGUNDA MAIOR MINERADORA DO MUNDO se prepara para ser a primeira, demitindo em massa

NAZARENO GODEIRO, de Belo Horizonte (MG)

No dia 31 de maio, acaba o acordo de licença remunerada na Vale. Somente 1.300 funcionários estiveram nessa licença, a maioria no estado de Minas Gerais. Ao todo, 6.500 funcionários tiveram férias coletivas.

Desde o início da crise econômica mundial, a Vale demitiu cerca de 2.000 trabalhadores diretos e 12 mil terceirizados, de um total de 120 mil trabalhadores em todo o mundo, sendo a metade terceirizados.

Nos dias 21 e 22 de maio, a empresa está convocando os sindicatos para informar sua política no próximo período. Em reuniões preliminares, a Vale confirmou demissões massivas em alguns lugares.

VALE ALEGA QUEDA NA PRODUÇÃO E NOS PREÇOS

A queda de 45% de aço bruto no mundo em 2008 levou a empresa a cortar a produção de minério de ferro de 295 milhões de toneladas no ano passado para uma meta de 200 milhões em 2009. Só no primeiro trimestre de 2009, a Vale produziu 37% menos minério de ferro. A empresa está comercializando o minério com preços 20% menores.

Com a crise, a empresa paralisou parcialmente ou totalmente as minas improdutivas (quatro foram paralisadas em Minas). Está deslocando a produção de minério de ferro de Minas para Carajás, no Pará, onde o produto tem teor mais alto de ferro. A Vale paralisou minas de níquel no Canadá e na Indonésia. Também diminuiu a produção de minério de ferro, manganês, níquel, alumínio e caulim.

SITUAÇÃO É EXCELENTE

A Vale é uma das empresas mais rentáveis do mundo. Para fazer uma comparação, o lucro líquido dela em 2008 foi o equivalente a 50 vezes o lucro líquido da Embraer no mesmo período e 220 vezes o lucro líquido da GM do Brasil no primeiro trimestre de 2009.

As vendas batem recordes desde 2002 e o EBTIDA, lucro operacional antes das despesas financeiras, que reflete a criação líquida de valor por parte dos trabalhadores, é de quase a metade do faturamento. Os acionistas recebem todo ano, no mínimo, R$ 5,5 bilhões.

A situação das suas concorrentes é drástica. A anglo-australiana Rio Tinto, segunda maior produtora de minério de ferro do mundo, tem uma dívida superior ao seu valor de mercado. Ela pretende demitir 14 mil funcionários e está sendo adquirida pela Chinalco, mineradora chinesa. A maior mineradora do mundo, a BHP, também anglo-australiana, está fechando minas e demitindo 6 mil trabalhadores. Seu lucro líquido caiu 56% em 2008 e ela teve uma queda grande no seu valor.

A Vale poderia argumentar que os resultados de 2008 ainda não refletiam a crise. Porém, o balanço financeiro do primeiro trimestre de 2009 revela que, apesar de haver uma queda de 9% no faturamento, o lucro líquido caiu somente 1%.

> **No mínimo, 61% das ações da Vale estão nas mãos do capital estrangeiro**

Por isso, no relatório anual de 2008, a direção afirma: *"A Vale está preparada para superar o ciclo de baixa tendo em vista seus ativos de alta qualidade e baixo custo e sua solidez financeira"*.

Se a situação da empresa é excelente, por que a Vale realizará demissões em massa?

No mesmo documento de 2008, a Vale informa a seus acionistas: *"Durante o ciclo expansionista, a maximização da produção foi fundamental para a maximização de valor, e conseguimos expandir nossa produção agregada a uma taxa média anual de 11,2% desde 2003. No cenário atual, a prioridade se alterou para a minimização de custos como uma importante ferramenta para a criação de valor e estamos perseguindo esse objetivo através de inúmeras iniciativas para reduzir custos operacionais e de investimentos. (...)*

Nossa visão é ser a maior empresa de mineração do mundo (...). Continuamos a rever as oportunidades de fazer aquisições estratégicas e focamos em disciplina da gestão de capital, a fim de aumentar o retorno sobre o investimento e retorno total aos nossos acionistas."

Seguindo essa estratégia, desde dezembro de 2008 a Vale gastou cerca de R$ 4,8 bilhões adquirindo minas na Colômbia, Argentina, África, Canadá e Brasil.

A empresa demitirá massivamente trabalhadores para cortar custos e manter muito dinheiro em caixa e fazer compras de minas estratégicas, diversificando seus produtos para se tornar a maior mineradora do mundo.

Estima-se que o corte na produção do minério de ferro da Vale em 2009 será de 25%. Somente neste primeiro trimestre, a queda foi de 37%.

Isso provavelmente levará a Vale a demitir 20% da sua força de trabalho, isto é, cerca de 10 mil funcionários, principalmente em Minas Gerais.

CONSEQUÊNCIAS DRÁSTICAS

O trabalhador da Vale é muito produtivo: em seis horas de trabalho ele paga seu salário mensal, com encargos e tudo. Os gastos com mão-de-obra representam apenas 6% do faturamento da empresa.

Para cada demissão na Vale, segundo o Serviço Geológico Brasileiro, serão 13 empregos perdidos na cadeia produtiva. Caso se comprove a demissão de 10 mil trabalhadores, serão 150 mil demitidos no total.

> **A Vale dispõe de caixa no valor de 12,2 bilhões de dólares, o suficiente para pagar os funcionários de todo o mundo por mais de 6 anos**

Além disso, a empresa é responsável por 79% da produção de minério de ferro do Brasil. *"As exportações líquidas da Vale responderam por 65,2% do superávit da balança comercial brasileira em 2008"*, segundo seu relatório anual.

Para os municípios mineradores, principalmente em Minas, onde se concentram 80% dos cortes produtivos da Vale, as consequências são trágicas. A arrecadação de royalties da mineração no município de Congonhas, em dezembro de 2008, caiu de R$6,5 milhões para R$1,7 milhão. Grandes municípios mineradores como Itabira, Barão de Cocais, Itabirito, Mariana, Congonhas, Ouro Preto e Nova Lima tiveram uma queda de arrecadação média de 23% no primeiro trimestre de 2009. O significado disso para cidades que dependem essencialmente da mineração é uma queda abrupta nos recursos.

SACRIFÍCIO PARA GARANTIR LUCROS DE BANCOS

No mínimo, 61% das ações da Vale estão em mãos estrangeiras. Porém, esse número certamente é maior, pois na Valepar (consórcio que controla a Vale), a Mitsui, que é um grande conglomerado japonês, possui 23% das ações. Além disso, dos investidores na Bovespa, a maioria é estrangeira.

Porém, é necessário identificar quem são esses "investidores estrangeiros". Na ata da assembleia de 16 de abril aparecem os nomes de vários acionistas estrangeiros. Entre esses "investidores" estão grandes bancos internacionais como o Citibank, um dos maiores do mundo e outro grande, o HSBC. Também o J. P. Morgan Chase Bank, um dos maiores dos EUA e que movimenta uma carteira de US$ 2,3 trilhões. O Barclays Global Investors, grande banco da Inglaterra, cujos fundos movimentam US$ 2,8 trilhões. O Fidelity Management, maior fundo mútuo dos EUA, com US$ 1,6 trilhão em carteira. O Vanguard Emerging Markets, nono maior fundo dos EUA, com US$ 1,3 trilhão. O Morgan Stanley, dos EUA, que opera US$ 779 bilhões em 33 países. O Templeton, dos EUA, que opera em 30 países com US$ 411 bilhões, e assim por diante.

São esses especuladores internacionais que determinam a orientação de negócios para Roger Agnelli, que gerencia a Vale a serviço de grandes bancos estrangeiros no Brasil. Curiosamente, são praticamente os mesmos "fundos de investimentos" que são donos da Embraer.

BILHÕES PARA ACIONISTAS E MEGA SENA A EXECUTIVOS

Apesar da crise, os acionistas da Vale aprovaram na sua assembleia geral de abril manter o pagamento de R$ 5,7 bilhões para eles mesmos este ano. É o mesmo pagamento efetuado em 2008, ano recorde para a empresa.

Essa mesma assembleia aprovou um pagamento anual de R$ 70 milhões como honorários aos seis diretores executivos da empresa. Isso significa uma Mega Sena para cada diretor, ou R$ 13 milhões por ano.

Esses mesmos executivos informam, no relatório anual de 2008, perdas com a especulação financeira em derivativos: *"mudanças cambiais nos levaram a reportar lucros (perdas) em moedas estrangeiras da ordem de US$ 1,011 bilhão..."*.

Trabalhadores entrando na Vale

GRUPO UNIÃO & LUTA DEFENDE QUE EMPRESÁRIOS E EXECUTIVOS PAGUEM PELA CRISE

NOSSA LUTA é para recuperar a soberania nacional

Os dois sindicatos que formam o grupo União & Luta (Metabase de Itabira e de Congonhas) entendem que os trabalhadores não devem pagar pela crise. A empresa teve uma grande lucratividade nos últimos seis anos e agora deve diminuir seus lucros, mantendo o quadro de funcionários e os investimentos na empresa e nos municípios.

Por isso, propõem que a empresa pague este ano a metade do valor dos dividendos aos acionistas, isto é, US$ 1,2 bilhão. A quantia economizada, outro US$ 1,2 bilhão, é suficiente para pagar a folha de pagamento anual dos 42 mil trabalhadores da Vale no Brasil.

Propõem também que a empresa pague, no máximo, a cada diretor executivo, um salário mensal de R$ 12 mil, correspondente ao do presidente da República. Pagando tal valor a seis diretores executivos, mais os gastos com encargos, alcançaria cerca de R$ 10 milhões no ano. A soma economizada (R$ 60 milhões) deve ser utilizada para investimentos sociais e ambientais nos municípios mineradores.

Além disso, propõem que a empresa suspenda as aquisições de novas minas e utilize os US$ 12 bilhões que tem em caixa para investimentos na empresa, em seus funcionários e nos municípios.

REESTATIZAÇÃO DA EMPRESA

A Vale foi vendida em 1997 por apenas US$ 3,3 bilhões. Somente o lucro líquido de 2008 da empresa foi três vezes maior.

Com a privatização, perdemos a soberania sobre o subsolo brasileiro. Chegamos a uma situação em que os acionistas estrangeiros vão determinar o abandono da produção em Minas Gerais, que durante os últimos 67 anos fez a riqueza da Vale. Determinarão a demissão de cerca de 150 mil trabalhadores na cadeia produtiva mineral para satisfazer a ganância de um punhado de bancos internacionais.

O governo Lula até agora tem favorecido a "internacionalização" da Vale. O presidente, pessoalmente, tem uma relação estreita com o diretor presidente da empresa, Roger Agnelli, que não toma nenhuma decisão sem consultá-lo.

O governo emprestou em abril do ano passado, através do BNDES, a quantia de R$ 7 bilhões para a Vale, dinheiro este que está sendo usado para demitir trabalhadores e adquirir minas para enriquecer ainda mais os banqueiros internacionais.

O governo possui assento no Conselho de Administração da Vale e, até agora, tem sido favorável às políticas da empresa.

Além disso, a Vale tem como assessores sem pasta Luiz Gushiken e Marcelo Sereno, dirigentes nacionais do PT no período anterior, e como presidente do Conselho de Administração Sérgio Rosa, ex-sindicalista bancário da CUT, além de José Ricardo Sasseron, dirigente licenciado do Sindicato dos Bancários de São Paulo.

O grupo União & Luta exigirá do governo Lula que utilize o poder de veto na Vale para impedir as demissões e o fechamento de minas. O governo possui 12 ações Golden Share, que lhe dão o direito de veto em vários aspectos, incluindo *"alienação ou encerramento das atividades de qualquer uma ou mais do conjunto das seguintes etapas dos sistemas integrados de exploração de minério de ferro: (a) depósitos minerais, jazidas, minas; (b) ferrovias; ou (c) portos e terminais marítimos"*.

IMPEDIR AS DEMISSÕES

O GRUPO UNIÃO & LUTA tomará várias iniciativas para impedir as demissões na Vale

- ✓ Realização de uma campanha nacional em defesa do emprego e contra as demissões na Vale, chamando a unidade com todos os sindicatos da empresa (do Brasil e do mundo) e centrais sindicais, além das comunidades
- ✓ Caravana a Brasília com trabalhadores da Vale para exigir de Lula um decreto lei que garanta estabilidade e impeça as demissões na Vale, utilizando o poder de veto que tem
- ✓ Ingressar na Justiça do Trabalho no sentido de impedir as demissões massivas na empresa
- ✓ Apostar na mobilização dos trabalhadores, garantindo paralisações parciais e greves caso a empresa mantenha seu plano de demissões massivas e fechamento de minas
- ✓ Abaixo-assinado, como parte da iniciativa da Conlutas, dirigido ao governo Lula, ao governo estadual de Aécio Neves e à direção da Vale exigindo estabilidade no emprego, nenhuma demissão e a reestatização da empresa, caso ela insista nas demissões

OPERÁRIO DA GM MORRE EM ACIDENTE E METALÚRGICOS FAZEM PARALISAÇÃO

TRABALHADOR SOFREU ACIDENTE enquanto fazia hora extra na fábrica em São José dos Campos (SP)

*DA REDAÇÃO**

O trabalhador da General Motors Aparecido Constantino morreu na tarde do último dia 16 após um grave acidente de trabalho. O operário foi atingido por cerca de 700 quilos de chapas de aço enquanto manuseava um equipamento da área da Estamparia e Manuseio.

Constantino fazia hora extra e trabalhava sozinho na área. Ele foi encontrado ainda com vida por um funcionário de uma terceirizada da GM, mas morreu horas depois no hospital.

Ele trabalhava há 13 anos na empresa. Tinha 42 anos de idade, era casado e pai de três filhos. O trabalhador foi velado e enterrado em Caçapava, cidade próxima a São José, no dia 17.

PROTESTO

No dia 18, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos realizou uma paralisação de uma hora com os trabalhadores do primeiro turno da GM. Os metalúrgicos prestaram uma homenagem póstuma a Constantino, mas também protestaram contra as condições na empresa que levaram à morte do companheiro.

Dirigentes sindicais e cipeiros acompanharam o caso desde sábado. Para o sindicato, uma série de irregularidades contribuiu para o acidente. Desde 2007, cipeiros denunciavam o risco de acidentes graves no setor. Reclamavam inclusive de problemas no equipamento manuseado por Constantino, o que foi registrado em ata da Cipa.

Com as centenas de demissões realizadas pela GM no último período, as condições de trabalho foram precarizadas ainda mais. O número de trabalhadores foi drasticamente reduzido, mas em contrapartida o ritmo de trabalho aumentou.

Constantino fazia hora extra e trabalhava sozinho numa área onde antes trabalhavam dois. O setor de Estamparia também tem funcionado sem a presença de cipeiros. A empresa tem mantido grande parte dos cipeiros fora da fábrica, em férias coletivas ou licença-remunerada.

"Exigimos uma apuração profunda do que ocorreu. Hoje há uma série de irregularidades na empresa. Os metalúrgicos estão trabalhando com um número reduzido de funcionários, sob pressão da chefia e com hora extra. Agora, um companheiro foi morto.", afirmou o presidente eleito do sindicato, Vivaldo Moreira.

CENTRAIS PROTESTAM

Diversas centrais sindicais divulgaram nota protestando contra a morte do metalúrgico. Além da Conlutas, CUT, Força Sindical, UGT, CGTB, CTB e Nova Central Sindical se solidarizaram com as paralisações na GM organizadas pelo sindicato.

"As mortes por acidentes de trabalho têm se tornado uma constante em várias categorias. A reestruturação produtiva tem imposto um ritmo de trabalho alucinante nas empresas, o que leva a aumentar as doenças ocupacionais e os acidentes de trabalho", afirma a nota, que exige ainda uma *"rigorosa investigação do acidente, bem como a punição dos culpados e providências imediatas por parte da direção da GM"*.

*com informações do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos

PETROLEIROS

CUT PERDE ELEIÇÃO EM DOIS SINDICATOS PETROLEIROS E NA PETROS

DESAFIO AGORA É FORTALECER a FNP e o movimento em defesa de uma Petrobras 100% estatal

ASDRUBAL BARBOZA, do ILAESE

Os reflexos da vitoriosa greve nacional dos petroleiros e seus desdobramentos no processo de reorganização já começam a ser notados nos últimos resultados sindicais e nas eleições da Petros que ocorreram recentemente. A Petros é o fundo de pensão de previdência privada dos funcionários da Petrobras e outras empresas petroquímicas.

Não é por coincidência que a direção da CUT foi derrotada no sindicato do Rio Grande do Norte para a CTB (central sindical ligada ao PCdoB) e no Litoral Paulista para a Frente Nacional Petroleiros (FNP).

No Litoral Paulista, a chapa da FNP teve uma vitória surpreendente, vencendo as eleições do Sindipetro com 1.379 votos. A chapa da CUT teve apenas 636. Com a vitória, a FNP consolida-se no Litoral Paulista.

Outra vitória importante se deu nas eleições da Petros. A chapa da FNP, formada por dois conhecidos integrantes da Conlutas, Tedesco e Agnelson, ganhou as eleições para o Conselho de Representantes com 52,5% dos votos. No Conselho Fiscal, a chapa da FNP teve 53% e a da CUT, 29%.

Mais que uma vitória da FNP, a derrota da CUT e da FUP (Frente Única dos Petroleiros) foi estrondosa. Por diferentes caminhos, a categoria está forjando uma alternativa de direção para dirigir as lutas que serão necessárias nestes tempos de crise.

AGORA É CONTINUAR A LUTA!

Uma das principais tarefas dos petroleiros agora é continuar a luta pela politização do movimento e a disputa da consciência da classe. Por isso, ganha relevância a campanha por uma "Petrobras 100% estatal" e para que "Todo o petróleo tem que ser nosso".

Neste sentido, ocorreu nos dias 12 e 13 de maio o III Seminário da Campanha "O Petróleo tem que ser nosso" na Escola Florestan Fernandes, em Guararema (SP), em que o conjunto das entidades assumiu o 2 de outubro como dia nacional de luta.

FORTALECER A FNP

Outro desafio é organizar a campanha salarial de setembro. Temos que exigir novamente da FUP e da FNP que iniciem já a campanha salarial de 2009, levantando as demandas da categoria. Entres as principais reivindicações estão: "reposição das perdas para toda a categoria, inclusive para os aposentados; periculosidade para valer; pagamento do extra turno; inclusão dos pais no plano de saúde; licença maternidade de 180 dias e paternidade de um mês e único plano de previdência".

Neste marco, o Congresso Nacional da FNP tem uma importância fundamental, ainda mais porque a FUP, que se torna cada vez mais burocratizada, mudou seus estatutos e tem agora congresso somente a cada três anos. Portanto, este ano não tem congresso da FUP.

Com isso, o congresso da FNP será o elemento aglutinador de todo esse processo. Os congressos regionais ocorrem em junho e o Congresso Nacional será entre os dias 10 e 13 de julho em São José dos Campos (SP).

CPI: O SUJO FALANDO DO MAL LAVADO

A oposição burguesa finge que descobriu agora que há corrupção na Petrobras. Há anos, a empresa realiza contratos superfaturados com seus fornecedores e a distribuição dos royalties tem critérios políticos e de tráfico de influência.

Mas agora, para tentar capitalizar eleitoralmente uma derrota do governo, a oposição burguesa monta uma CPI. Todos sabemos que é jogo de cena, pois não será este Congresso corrupto que vai sanear a empresa.

É o sujo falando do mal lavado. Basta lembrar que a empreteiria Camargo Correa, grande patrocinadora do PSDB e do DEM, está envolvida na construção da refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco.

Somente com a total estatização da empresa e o controle dos operários petroleiros e da população sobre a Petrobras acabará a corrupção e a burocracia estatal. Só assim conseguiremos colocá-la a serviço da classe trabalhadora e da população.

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

EL SALVADOR E O TRIUNFO DA FMLN

NO MÊS DE MARÇO, foram realizadas as eleições presidenciais em El Salvador, pequeno país na América Central. O vitorioso foi Mauricio Funes, candidato da Frente Farabundo Martí pela Libertação Nacional (FMLN)

Este resultado tem provocado grande entusiasmo no povo salvadorenho. Em primeiro lugar, porque a derrota eleitoral do Arena, um partido burguês de direita que estava há duas décadas no poder, é sem dúvida um triunfo das massas salvadorenhas. Tal como assinala o Movimento Socialista de Trabalhadores e Camponeses (MSTC, seção salvadorenha da LIT-QI), a votação expressou o cansaço *"com a aplicação de políticas neoliberais e a privatização dos setores do Estado"*, agravada pela *"deterioração das condições de vida da classe trabalhadora [que] se aprofundou durante esse período"* (*"O governo da FMLN e os desafios da esquerda revolucionária" - Luta Socialista nº 8, abril de 2009*).

No entanto, o que mais gera euforia entre a população é o fato de a FMLN, direção político-militar durante a guerra civil ocorrida no país entre 1980 e 1992, chegar ao governo pela primeira vez quase 30 anos após sua fundação como frente guerrilheira. E 16 anos depois de se constituir como partido.

Por isso, *"centenas de milhares de trabalhadores e trabalhadoras e outros setores do povo deram seu voto à FMLN nas eleições (...) Claramente as massas trabalhadoras depositam no governo eleito da FMLN suas esperanças e têm grandes ilusões no mesmo"*.

Essas ilusões das massas serão correspondidas? A maioria da esquerda salvadorenha, da América Central e mundial afirma que sim. Para eles, o futuro governo da FMLN é mais um dos "governos populares", "anti-imperialistas", até "socialistas", que se estendem pela América Latina (Hugo Chávez, na Venezuela; Evo Morales, na Bolívia; Rafael Correa, no Equador; Eduardo Ortega, na Nicarágua etc).

No entanto, para a LIT-QI e o MSTC, essas esperanças serão lamentavelmente frustradas. Consideramos que o governo Mauricio Funes e a FMLN, longe de *"avançar para o socialismo"*, enfrentar o imperialismo ou tomar medidas a favor do povo, terão como objetivo central defender os interesses da burguesia, no marco da crise econômica internacional. Para isso, o governo não só aplicará as medidas contra os trabalhadores e camponeses, mas buscará frear qualquer resposta da luta das massas salvadorenhas.

UM POUCO DE HISTÓRIA

Para entender esta afirmação, é necessário recordar um pouco da história recente do país. O triunfo da revolução sandinista na Nicarágua, em 1979, abriu um profundo processo revolucionário em toda a América Central. Isso teve uma forte expressão em El Salvador. Diante da grande ascensão de massas que se dava no país, a burguesia, a direita salvadorenha e o imperialismo norte-americano iniciaram, nos princípios da década de 1980, uma sangrenta guerra civil que custou a vida de 75 mil pessoas (entre mortos e desaparecidos). Isso num pequeno país que hoje tem em torno de seis milhões de habitantes.

Foi em meio a essa situação que a FMLN surgiu em 1980, integrada por: Forças Populares de Libertação (FPL), Resistência Nacional (RN), Exército Revolucionário do Povo (ERP) e Partido Comunista Salvadorenho (PCS). Pouco depois, se somaria o PRTC (Partido Revolucionário dos Trabalhadores Centro-americano). A FMLN foi a direção política e militar do movimento de massas durante todo esse processo que, em 1989, chegou a cercar a capital do país.

A TRAIÇÃO DA FMLN E OS ACORDOS DE PAZ

No entanto, apesar das possibilidades de vitória, não foi no terreno militar que se traçou o rumo da guerra civil. O que definiu a situação foram os processos de negociação e os "acordos de paz" impulsionados desde 1982 pelo chamado Grupo de Contadora (integrado pelos governos de México, Venezuela, Colômbia e Panamá), com o apoio da ONU e do Partido Democrata dos EUA.

Em uma declaração da época, a LIT-QI denunciava o Grupo de Contadora: *"Durante quatro anos, desde o nascimento mesmo do Grupo de Contadora, [a LIT-QI] proclamou, explicou e denunciou que era uma manobra do imperialismo contra a revolução em curso na América Central. Que seu objetivo era o mesmo de Ronald Reagan: fazer retroceder a revolução centro-americana (Correio Internacional nº 19, maio de 1986).*

Em 16 de janeiro de 1992, a direção da FMLN e o governo de direita do presidente Alfredo Cristiani assinaram, em Chapultepec, no México, os "Acordos de Paz" nos quais a FMLN se comprometia a entregar suas armas. No texto foram garantidas algumas reformas políticas, mas não havia nenhuma referência à estrutura econômico-social que tinha levado à guerra civil. Neste sentido, a direção da FMLN traiu a luta que havia encabeçado e entregou na mesa de negociações todas as possíveis mudanças que poderiam obter com a luta.

Conferência da FMLN que indicou Mauricio Funes à presidência, em 2008. Mais parecia um show ao estilo Hollywood

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA FMLN

Depois de entregar as armas, entre os anos de 1992 e 1994, a FMLN se transformou em um partido político. Como resultado dessa institucionalização, a FMLN começou a ganhar vários mandatos parlamentares e prefeituras. Antes das eleições de março, por exemplo, a Frente já controlava as prefeituras dos 11 municípios que formam a Grande San Salvador, incluindo a capital. Também tinha 32 deputados (de um total de 84) na Assembleia Legislativa. Todo esse "poder institucional" representa, ao mesmo tempo, uma fonte de rendimentos e de privilégios materiais.

Em outras palavras, a FMLN deixou de ser uma organização guerrilheira e adotou uma ideologia de aliança de classes com setores burgueses para ser um partido "normal", totalmente integrado ao sistema eleitoral burguês. Assim, a organização se dispôs a realizar cada vez mais concessões e acordos com setores burgueses para chegar ao governo.

Esta não é somente a caracterização da LIT-QI (que já no passado mantinha profundas diferenças teóricas e políticas com a FMLN), mas também de outras pessoas que foram importantes dirigentes da organização: *"[A FMLN], um dos movimentos revolucionários mais importantes da América Latina nas últimas décadas do século passado, é agora um partido sistêmico, parte integral da democracia burguesa que existe em meu país, El Salvador"*, explicou Fidel Neto, ex-comandante da FMLN, no debate "Das trincheiras aos palácios, os caminhos da esquerda", realizado no Fórum Social Mundial de Porto Alegre, em 2005.

Essa profunda integração da FMLN ao sistema eleitoral, além do aumento de seus privilégios materiais, é o elemento central que nos leva a prever a dinâmica de defesa dos interesses burgueses que terá seu futuro governo.

MUDANÇAS ECONÔMICAS NO PAÍS

O segundo elemento são as grandes mudanças produzidas na economia do país nos últimos anos. Uma delas foi a instalação de 15 zonas de "livre comércio", nas quais se instalaram numerosas empresas maquiladoras, especialmente do setor têxtil, que cortam e montam roupas de marcas famosas para exportar aos EUA.

Outra mudança foi o aumento das remessas de dinheiro enviadas por mais de um milhão de salvadorenhos que trabalham nos EUA para suas famílias. Em 2008, essas envios chegaram a somar US$ 3,7 bilhões, o que representou 17% do PIB nacional.

Com base nesse dinheiro, foram criados bancos com capitais norte-americanos em sociedade com a burguesia salvadorenha que, através de seus investimentos no país, formam o núcleo financeiro que domina a economia nacional e as principais empresas (como a companhia aérea Taca). Assim, se aprofundou o processo de colonização do país por parte do imperialismo ianque, como expressa claramente o fato de que, desde 2001, a moeda oficial de El Salvador passou a ser diretamente o dólar.

LOUISE LOPMAN

Na fábrica da grife americana GAP, mulher usa tecido para evitar a intoxicação causada pelo tingimento da roupa. O regime de trabalho é de 12 a 18 horas e o salário é de US$ 4,68 ao dia

Mas a crise econômica mundial começa a golpear o setor exportador das maquiladoras. Só o fechamento da empresa Inca S.A. deixou 2.500 trabalhadores na rua. Em muitas outras empresas, já há férias obrigatórias. Ao mesmo tempo, como resultado da crise das demissões nos EUA, as remessas do exterior começam a cair. Segundo um relatório do BID, em 2009 elas diminuirão 13% na região centro-americana.

A "UNIDADE" COM A BURGUESIA

O presidente eleito, Mauricio Funes, é um prestigiado jornalista independente que nunca pertenceu à FMLN e só se filiou ao partido para poder ser candidato. Sua indicação como candidato, por sua vez, já representou um "giro moderado" (isto é, para a direita) da FMLN para disputar as eleições.

Desde o início de sua campanha, Funes antecipou sua orientação pró-burguesa. Em suas primeiras declarações, afirmou: *"Nestes 17 meses que faltam para as eleições, devemos construir o tecido social que seja a base para uma poderosa aliança: partidos políticos e, sobretudo, organizações sociais, sindicais e empresariais devem dar vida a essa aliança. Vamos promover e respeitar o investimento privado nacional e estrangeiro"*.

Após o triunfo, seu principal objetivo é levar tranquilidade para a burguesia salvadorenha. Por isso, Funes repetiu seu chamado à "unidade nacional" e ao diálogo com as empresas privadas. A resposta da patronal salvadorenha (Anep - Associação Nacional da Empresa Privada) foi aceitar a convocação.

Mauricio Funes na V Cúpula das Américas

A "UNIDADE" COM O IMPERIALISMO

Funes também transmitiu tranquilidade ao imperialismo. Por exemplo, sobre o tema da dívida externa (US$ 9,4 bilhões no final de 2008), declarou: *"Eu quero reafirmar aos organismos multilaterais que a dívida será paga com os prazos que foram negociados. Vou cumprir todos os compromissos adquiridos pelos governos anteriores".*

Após seu triunfo eleitoral, expressou: *"quero a integração centro-americana e o fortalecimento da relação com os Estados Unidos".* Não é casual que Robert Wood, porta-voz do Departamento de Estado norte-americano, tenha enviado "felicitações ao povo salvadorenho" pela eleição e seu resultado em nome de seu governo.

Dois fatos são ainda muito significativos. Já eleito, Funes anunciou que manteria a "dolarização" da economia do país, símbolo da colonização ianque (www.elsalvador.com, 8/5/2009).

Também manteve uma amável reunião particular com Barack Obama, presidente dos EUA e, portanto, atual chefe do imperialismo, durante a Cúpula da Américas. Segundo Funes, Obama ressaltou o papel que El Salvador poderia cumprir na América Central. Isto é, para o americano o governo de Funes poderia ser uma peça importante nos planos de estabilidade imperialista e de contenção dos conflitos e lutas populares na região.

Em outras palavras, o governo de Funes-FMLN deixa de lado qualquer pretensão de luta ou confronto com o imperialismo. Desta forma, a FMLN abandona completamente uma de suas características mais importantes do passado (o anti-imperialismo) para se transformar em colaboradora do imperialismo que antes combatia.

PERSPECTIVAS E A RESPOSTA DOS REVOLUCIONÁRIOS

A burguesia salvadorenha e o imperialismo norte-americano estão tranquilos, pois o governo Funes-FMLN será um burguês e, portanto, inimigo dos trabalhadores e do povo. Mais ainda. Num contexto de crise econômica, seu governo terá muito pouca margem de manobra para fazer qualquer concessão.

Será um inimigo mais perigoso que um governo burguês "normal", pois se disfarçará de amigo do povo, apoiado no prestígio do passado lutador da FMLN e nas ilusões que desperta no movimento de massas.

Por isso, compartilhamos plenamente a opinião manifestada pela declaração do MSTC:

"É preciso que as organizações operárias, camponesas, estudantis e populares mantenham sua total independência do governo e continuem com suas lutas. Seria um grave erro dar algum 'tempo' ou 'um respiro' ao novo governo, postergando assim as exigências de nossos direitos. O movimento de massas em El Salvador e as organizações de esquerda não devem apoiar este novo governo, nem sequer lhe dar um 'apoio crítico'. Devemos construir, com nossas lutas, uma oposição de classe, uma oposição pela esquerda. Obviamente, não se trata de não ter em conta as ilusões das massas na hora de formular as táticas de intervenção. Mas a esquerda deve, antes de tudo, dizer a verdade às massas; e a verdade é que este não é seu governo, que devem manter sua independência e continuar com as lutas por suas reivindicações históricas".

Tal como expressava a declaração emitida pelo MSTC antes das eleições, *"desde já é imprescindível que as organizações revolucionárias chamem as massas a se mobilizar para recusar o programa do futuro governo, bem como para exigir a reversão das privatizações e dos Tratados de Livre Comércio; para que assegure políticas que combatam os efeitos nocivos da dolarização; desenvolva políticas que protejam as classes exploradas dos efeitos da crise econômica mundial, se revogue a lei de anistia [lei antiterrorista]; que se assegure a separação entre as igrejas e o Estado, bem como uma educação totalmente laica. Que garanta os direitos das mulheres e detenha as iniciativas que atentam contra os direitos dos homossexuais. De maneira urgente, deve promover o desenvolvimento dos povos indígenas e dos camponeses, incluindo o direito à terra para cultivar. Mais ainda, é imprescindível que as organizações revolucionárias levantem consignas como a expropriação da banca imperialista e da propriedade da oligarquia salvadorenha; expropriação sem indenização das empresas imperialistas que exploram os recursos naturais e os setores estratégicos da economia salvadorenha; rompimento com as instituições financeiras imperialistas (FMI, Banco Mundial, BID) e o não pagamento da dívida externa".*

É no marco de participar e impulsionar as lutas por essas reivindicações que a LIT-QI e o MSTC propõem a necessidade de construir um grande partido revolucionário capaz de

disputar a direção dessas lutas.

Neste sentido, a declaração do MSTC conclui: *"convidamos todas as organizações revolucionárias do país para se unir à construção desse grande partido. Chamamos as demais organizações que se reivindicam revolucionárias, que ainda se mantêm dentro da FMLN, à ruptura com sua direção. Sob a bandeira da independência de classe e com as ferramentas que o marxismo revolucionário proporciona, podemos trabalhar junto às classes exploradas por sua verdadeira libertação, que será encontrada apenas se avançarmos para o socialismo a nível mundial".*

CONGRESSO DA FASUBRA APROVA DESFILIAÇÃO DA CUT

DECISÃO FORTALECE A CONSTRUÇÃO de uma alternativa unitária da classe trabalhadora

PAULO BARELA, *da Direção Nacional do PSTU e do GT dos Trabalhadores do Serviço Público da Conlutas*

O congresso da Federação de Sindicatos dos Trabalhadores das Universidades Brasileiras, a Fasubra, realizado de 10 a 16 de maio em Poços de Caldas (MG), teve 970 delegados de todo o país e aprovou a desfiliação da CUT, uma decisão histórica.

Logo no início, os grupos cutistas, liderados pela corrente sindical Tribo, tentaram impugnar as delegações da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal do Pará, ambas compostas por delegados de oposição. Porém, o plenário do congresso validou as delegações e os 59 delegados puderam se credenciar. A tática dos cutistas foi reduzir ao máximo o número de delegados antigoverno, em uma atitude desesperada para evitar a aprovação da desfiliação.

DECISÃO HISTÓRICA

Desde a abertura, ficou evidente a polarização entre os que propunham a desfiliação e os que defendiam a manutenção na CUT. O auge dos debates aconteceu no painel "Organização Sindical", com a presença de representantes da Conlutas, Intersindical, CTB e CUT.

José Maria de Almeida, o Zé Maria, representando a Conlutas, foi categórico: *"a CUT há muito abandonou seu projeto original de defesa dos interesses da classe. A desfiliação da Fasubra da CUT deve acontecer, não somente pelo seu compromisso com o projeto burguês de Lula e o PT, mas também porque a manutenção na CUT significa aprofundar a divisão já existente na base da categoria"*.

Zé Maria afirmou ainda que o processo de reorganização apresenta a oportunidade de construirmos uma ferramenta independente do governo e dos patrões, combativa e classista, organizando os segmentos da classe do campo e da cidade, dos movimentos sindical, popular e estudantil. *"A Conlutas representa esse projeto, mas precisamos avançar. Por isso, depois da desfiliação, é preciso garantir um amplo debate na base da categoria para decidir em que organização os técnico-administrativos das universidades devem se abrigar"*, disse.

No dia seguinte, com o plenário completamente lotado e depois de quatro defesas a favor e contra a desfiliação, foi aberto o processo de votação. Ao final, o resultado que todos esperavam, a proposta de desfiliação foi aprovada com 510 votos a favor e 454 contra.

Com essa decisão, a Fasubra vira uma página de sua história e prepara-se para um novo desafio: debater profundamente uma alternativa de organização que não repita a experiência com a CUT. Neste sentido, a federação dá um grande passo no processo de reorganização e fortalece a iniciativa da Conlutas de construir uma entidade unitária para a classe trabalhadora em nosso país.

Cutistas também perdem espaço na direção

Apesar de garantirem dois dos três coordenadores-gerais, o bloco cutista perdeu uma vaga no conjunto da direção nacional da Fasubra, ficando com 11 cargos, um a menos que a atual gestão. O coletivo Vamos à Luta – VAL (C-Sol) contabilizou cinco cargos e a CSC (PCdoB), três cargos.

A corrente Base, onde se organizam os militantes do PSTU, junto com Pensamento Sindical Livre (PSLivre), Movimento Esquerda Socialista (MÊS) e Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST), alcançou seis cargos, sendo uma coordenação-geral (PSLivre). Dentro do coletivo, o PSTU indicou dois companheiros que farão parte da próxima diretoria: Antonio Donizete da Silva, o Doni, da Universidade Federal de São Carlos, e Marcelino, da Universidade Federal da Paraíba.

Delegados retiram a bandeira da CUT depois que o Congresso decide pela desfiliação da entidade

Abaixo-assinado tem 600 assinaturas no congresso

Durante os dias em que se realizou o congresso, os militantes do PSTU se dedicaram também à tarefa de coletar assinaturas ao abaixo-assinado destinado ao Congresso Nacional e à Presidência da República, exigindo medidas que protejam os trabalhadores dos efeitos da crise econômica. Foram em torno de 600 assinaturas coletadas de todas as formas: na banca da Conlutas, em passagem pelo plenário e nas reuniões de bancadas. Em uma mesa colocada na frente do refeitório no dia 16 de maio, foi realizado um operativo final com a coleta de mais de 200 assinaturas.

Em um congresso marcado pela polarização política, o abaixo-assinado foi apoiado pela ampla maioria dos delegados (60% dos congressistas). Isso demonstra que os servidores das universidades federais também exigem medidas que, de fato, indiquem uma solução da crise nos marcos da defesa dos trabalhadores e não de empresários e banqueiros. Dentre as pessoas que assinavam, algumas se manifestavam dizendo que *"se é para garantir o emprego e exigir do governo Lula medidas concretas contra a crise, eu apoio e assino sem pestanejar"*.

Várias delegações levaram o material para coleta em suas bases, junto com os cartazes da campanha pela reestatização da Embraer e reintegração dos demitidos.

PROGRAMA CONTRA A CRISE

O abaixo-assinado foi lançado pela Conlutas com o objetivo de discutir com os trabalhadores em suas bases e com a população em geral a necessidade de enfrentar a crise e seus efeitos. O documento vai ser entregue ao governo no segundo semestre e exige medidas como proibição das demissões, redução da jornada sem redução de salários, cumprimento dos acordos realizados com os servidores federais, reestatização da Embraer, Vale e CSN, e por uma Petrobras 100% estatal.

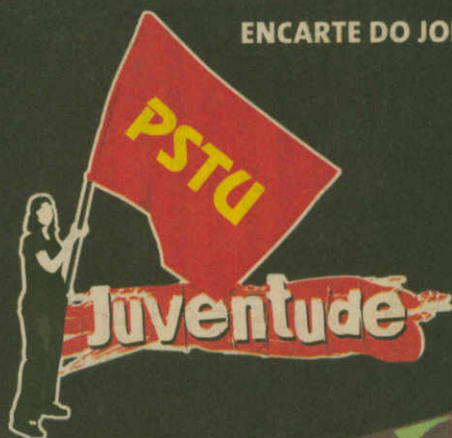
ENCARTE DO JORNAL OPINIÃO SOCIALISTA - EDIÇÃO 05 - MAIO 2009

WWW.PSTU.ORG.BR
JUVENTUDE@PSTU.ORG.BR

PSTU

Juventude

QUEM? QUEM? QUANDO? QUANDO?

VELHO VELHO VELHO VELH VE NOVO

QUEM SABE FAZ A HORA!

Um novo rumo para o movimento estudantil

e muito +

Valério Arcary: algumas coisas que sei sobre a UNE

PSTU:15 anos de um jovem partido revolucionário

QUEM SABE FAZ A HORA!

É necessária uma nova entidade que organize e mobilize os estudantes

Desde a ascensão de Lula ao Governo Federal uma apaixonada discussão tomou conta do movimento estudantil nacional: a necessidade ou não de uma ferramenta de luta e de organização alternativa a UNE. Muitas posições se construíram no interior do movimento estudantil combativo e de oposição ao governo. Há aqueles que acham que é necessário continuar na UNE e fortalecer a disputa interna na entidade. Outros acham que o movimento não precisa de uma nova entidade, pois as lutas continuam existindo. Existe ainda aquele que acham que é preciso construir uma organização nacional estudantil alternativa a UNE. E dentre esses, há os que pensam que ainda não é a hora para isso. Somos aqueles que acreditam que é necessário construir um instrumento de luta e organização dos estudantes, alternativo a UNE.

Para discutir as diversas opiniões, porém, é preciso partir das lutas que os estudantes estão protagonizando, quais são e foram seus significados e, por fim, quais são as perspectivas.

Senão agora, quando?

O ano de 2007 foi quente. Dezenas de ocupações de reitorias se espalharam pelo país. Elas representaram o enfretamento contra a implementação do projeto de reforma universitária, aquele que a UNE apóia, decretos estaduais que vão no mesmo sentido, e a inconteste defesa das universidades públicas e a autonomia das universidades. Nessas mobilizações, a UNE não esteve nas lutas. E para piorar, a entidade se colocou do outro lado da barricada. A UNE foi contra a ocupação da reitoria da USP, ficou na linha de frente da defesa do Reuni, foi a co-autora do projeto de reforma Universitária e recebeu milhões do Governo Federal. O resultado é inequívoco. Os processos de luta que sacudiram a juventude no último periodo se deram por fora da UNE e objetivamente foram contra ela.

Na medida em que o processo de mobilização começou a se generalizar, e que cada comissão de comunicação sabia de outra ocupação, uma coisa ficou evidente: o movimento precisava de um instrumento de luta nacional que pudesse organizar e impulsionar estas lutas, para que cada ocupação não fosse apenas sua ocupação, mas parte de um processo nacional de ocupações. A onda de ocupações de 2007 poderia ter obtido um resultado superior se encontrasse o apoio em uma entidade nacional que articulasse e unificasse os processos de mobilização. Aqueles que acham que ainda não é hora de ter uma nova entidade, mesmo que a UNE já não sirva pra nada, não levam em conta que o papel fundamental de uma organização nacional é justamente o de contribuir e facilitar a eclosão de um novo ascenso de lutas.

Mas é quem ainda está UNE?

Aqueles que acreditam que é preciso continuar na UNE erram em uma avaliação fundamental: a UNE não organiza mais as lutas. Achamos muito importante dialogar com os estudantes que ainda tem ilusões na União Nacional dos Estudantes, mas não concordamos que ela se dá nos fóruns da entidade, onde não há nenhuma democracia. Acreditamos que podemos ganhar estes estudantes nas mobilizações concretas, no dia a dia do movimento, em cada sala de aula.

Como deve ser essa nova entidade?

A situação da educação e dos serviços sociais se agravará ainda mais diante da crise econômica que vivemos. E coloca a juventude diante de grandes desafios. A juventude deve voltar às ruas e às ocupações de reitoria. A construção de um novo instrumento de luta e de organização é uma necessidade para que possamos impulsionar e generalizar as mobilizações.

Democracia!

Essa nova ferramenta deve se organizar em base a uma ampla democracia controlada pela base dos estudantes e num formato bem diferente do que é a UNE hoje. Queremos dizer com isso o seguinte: quem deve definir os rumos desta organização, suas pautas, propostas de mobilizações, são estudantes que representem suas entidades. Ou seja, o movimento real que existe em cada lugar. Assim, as universidades e escolas poderão de fato definir e interferir no processo real do movimento estudantil nacional. Mas não é apenas o formato e a democracia que devem ser distintas. Queremos resgatar o programa que as lutas históricas do movimento estudantil construiu e a UNE abandonou. Queremos uma organização que privilegie a luta direta, que tenha democracia de base, independência política e financeira e uma estratégia ligada aos trabalhadores e ao socialismo.

Independência dos governos e reitorias

Os interesses dos governos e das reitorias são, na sociedade em que vivemos, totalmente contrários aos interesses da maioria da juventude e dos trabalhadores. Ter como critérios a independência e a autonomia frente aos governos e as reitorias são fundamentais para o movimento estudantil continuar lutando livre de qualquer amarra. Os exemplos de luta e resistência do movimento estudantil demonstraram o caráter decisivo que a independência aos governos e reitorias tem. Assim foi na luta contra a ditadura e no "Fora Collor".

A aliança operária estudantil

Os estudantes não estão alheios a sociedade em que vivem. A universidade não é uma torre de marfim, por isso é preciso que dentro da sociedade os estudantes tomem um lado, o lado dos trabalhadores. São eles os responsáveis pela produção e reprodução das riquezas da sociedade, mas vivem apartados destas. A aliança entre operários e estudantes deve ser uma prática estudantil, apoiando e se unindo nas lutas dos trabalhadores.

A defesa da educação pública, gratuita e de qualidade, a serviço dos trabalhadores

Com o avanço da privatização da educação, a universidade pública ainda está longe de ser o que queremos: uma universidade comprometida com a soberania nacional e a transformação social. A defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade é o significado de uma educação financiada pelo Estado - ao contrario da lógica de desresponsabilização do Estado com a educação. Nós defendemos que a universidade e a produção de conhecimento estejam voltadas para as necessidades dos trabalhadores e do povo pobre.

QUINZE ANOS DE LUTAS PELO SOCIALISMO!

Estudantes na década de 80 contra a ditadura

Comemorar e relembrar nossos 15 anos não tem apenas o sentido de exaltar o partido que construímos, mas, sobretudo reafirmar que nossa estratégia de luta pelo socialismo continua atual. Nestes 15 anos, o programa e a prática do PSTU sempre estiveram ligados a luta pela construção de uma sociedade socialista.

Um pouco de história

Para ser fundado o PSTU passou por dois anos de intensas discussões sobre programa, funcionamento e estratégia, aglutinando vários grupos vindos do PT. Todos tinham certeza de uma coisa: o projeto petista de partido não servia para a luta pelo socialismo. O PT significou um grande avanço para a classe trabalhadora por lutar pelo fim da ditadura, mas estava convertido em um aparato de luta institucional e parlamentar. Sem um programa socialista claro, sem o controle da direção pela base, afastado das lutas, muitas vezes sendo contrária a elas, este projeto não respondia mais as necessidades da classe trabalhadora e da juventude.

A esperança venceu o medo?

Hoje após seis anos de "Lula lá", pouca coisa mudou na vida de milhares de trabalhadores. O PSTU se orgulha em manter uma firme postura de oposição de esquerda ao governo Lula, mesmo quando o sentimento de esperança pela transformação atingia seu auge.

No momento em que completamos 15 anos o mundo passa por uma das crises econômicas mais graves da história. Os trabalhadores e a juventude têm sofrido de forma dramática com suas conseqüências, como o aumento do desemprego, rebaixamento salarial e precarização de suas condições de vida. Enquanto isso, o presidente nada mais faz do que "torcer" pelos trabalhadores demitidos.

> "MAS QUEM É
> O PARTIDO?
> [...]
> NÓS SOMOS ELE
> VOCÊ, EU, VOCÊS -
> NÓS TODOS.
> ELE VESTE SUA ROUPA,
> CAMARADA, E PENSA
> COM SUA CABEÇA.
> ONDE MORO É A CASA
> DELE, E QUANDO VOCÊ É
> ATACADO ELE LUTA.
>
> BERTOLD BRECHT

Para quê partido?

Construímos todos os dias um instrumento que possa estar a serviço das lutas dos estudantes, professores, operários e camponeses. Mas construímos um partido com um objetivo muito maior e audaz, a revolução socialista e a transformação radical da sociedade. Os ativistas que há 15 anos decidiam pela fundação do PSTU tinham esta clareza e este objetivo. Vários são os exemplos de mobilizações radicalizadas que se espalharam pelo mundo, derrubaram presidentes, enfrentaram a repressão, passaram por cima de seus líderes que pediam calma. No entanto, uma coisa faltou em cada um destes casos: uma organização com um programa claramente socialista que desse confiança aos trabalhadores para apostar na mudança utilizando suas próprias forças. E assim, tomar em suas próprias mãos o poder e a condução da sociedade.

Sabemos que a tarefa a que nos dispomos não é fácil. Nossos inimigos não são pequenos, nossa própria trajetória já demonstrou que a burguesia e o Estado farão de tudo para nos impedir. Nossa confiança neste projeto vem não apenas de nossos esforços. Nos espelhamos na história de luta dos trabalhadores e da juventude, que já demonstraram sua capacidade para transformar o mundo.

Por isto, neste aniversário de quinze anos renovamos nossa confiança na luta pelo socialismo e a construção de um partido revolucionário. Conheça o PSTU!

MURAL

Valério Arcary na década de 80

A TRANSFORMAÇÃO DA UNE

▸▸VALÉRIO ARCARY*, PROFESSOR DO CEFET-SP

Depois da eleição de Lula, a localização política da UNE mudou de tal maneira que ela ficou irreconhecível. A decadência política da entidade é hoje indissimulável: na maioria dos centros mais avançados e organizados do movimento estudantil, que permanecem sendo as Universidades públicas, a direção da UNE não é mais uma referência.

Essa crise de representação que veio estreitando as bases sociais da UNE nos remete aos impasses do movimento universitário – um movimento que ora vê ampliada, ora diminuída sua capacidade de atrair a maioria dos estudantes - se agravou de maneira aguda depois da eleição de Lula. A subordinação política ao governo, dificilmente, poderia melhorar esta situação, e deixar de se expressar em métodos degenerados para manter o controle do aparelho.

Nos anos oitenta e noventa, bastava um pouco de bom senso, para reconhecer que a UNE era uma entidade diferenciada na América Latina, estruturada sobre um movimento estudantil com vida na base, saudável luta interna, disputa de projetos, controvérsias organizadas, alternativas de direção e campanhas unitárias.

Paradoxalmente, agora que esse quadro melhorou um pouco, com algumas experiências animadoras de mobilização e organização estudantil ao lado dos trabalhadores - e independente do Estado - na Argentina, Equador, Bolívia e na Venezuela, a UNE brasileira passa para a retaguarda da retaguarda: aceita, alegremente, o atrelamento ao governo Lula que assegura com a reforma universitária uma anistia fiscal de dezenas de milhões anuais para o setor privado de ensino - pendurado em empréstimos milionários no BNDES, que poderiam ser executados, federalizando vários destes supermercados de diplomas – enquanto prossegue o abandono das universidades públicas.

Escrevo estas linhas com amargura, porque, quando voltei para o Brasil, dediquei alguns anos de militância à UNE. É com emoção que me recordo do Centro de Convenções em Salvador em 1979, ainda em obras, onde muitos milhares se reuniram, desafiando a ditadura para o Congresso de Reconstrução. Foi lá que votamos a histórica Carta de Princípios que definia para a UNE um campo de classe. Foi lá que juramos que a nossa UNE estaria sempre ao lado dos trabalhadores, e da luta do povo mais pobre e mais oprimido. Essa UNE que era de todos nós - de uma gente que não temia a ditadura - infelizmente, já não existe mais. Agora que a geração de Salvador chegou ao poder, receio que, afinal, não fomos todos os que levamos aquele juramento da independência da UNE a sério.

A UNE esteve na linha de frente da resistência ao governo Figueiredo entre 1979 e 1984, e cumpriu um papel na campanha das Diretas. Não hesitou em apoiar as lutas dos trabalhadores de inúmeras categorias e a grande greve geral em 1989. Em seu melhor momento, a UNE fez história e foi a entidade que furou o cerco e encabeçou o "Fora Collor" em 1992.

Essa UNE, é triste admitir, não existe mais. Não pertence aos estudantes. Ao lado da CUT, é um cadáver insepulto. Permanecerá, possivelmente, e até poderá prosperar como um aparelho atrelado ao MEC. O seu destino parece indivisível do julgamento que a história vier a fazer do governo Lula. E a História será mais implacável que estas palavras.

*Valério foi delegado nos congressos da UNE de 1979, 80 e 81

Faixa "Mais beijo, mais pão, abaixo à repressão"

2 ou 3 perguntas para Henrique Carneiro

Confira a entrevista com Henrique Carneiro, professor do Departamento de História da USP e ex-presidente da UPES (União Paulista de Estudantes Secundaristas) em 1982

COMO ERA O MOVIMENTO SECUNDARISTA NA ÉPOCA E QUE PAPEL ELE CUMPRIU?

O movimento secundarista era muito diferente do universitário, porque os universitários já haviam conquistado a UNE, as UEE's e os DCE's. Tinham um espaço de liberdade que os secundaristas ainda não tinham. Então, a grande luta em toda a história do movimento secundarista foi ter o direito de representar os estudantes com grêmios e uniões municipais, estaduais e a nacional. A grande batalha era ter o direito de colocar uma urna dentro da escola, de fazer eleição. A diretoria chamava a polícia e proibia a colocação de urnas. Aí fomos conseguindo participações muito significativas de dezenas de milhares de estudantes que votavam.

Em alguns lugares o movimento secunda foi o estopim de um movimento maior. Foi o caso da cidade de Sorocaba com a noite do beijo, quando houve a proibição de beijo nas escolas. Isso provocou a maior manifestação da história da cidade.

Depois vieram as questões mais gerais da sociedade. Daí a gente entrava no compasso mais geral da luta contra a ditadura. Nas fábricas havia muito secundarista. No ABC, os operários muitas vezes também eram secundaristas.

O QUE MUDOU DEPOIS DA RECONSTRUÇÃO DA UBES?

A reconstrução da UBES, no congresso de Curitiba (em 1981), foi muito positiva porque suscitava esse espaço de liberdade. Mas depois a UBES se tornou rapidamente um aparato ligado à política mais geral do M-R8 e do PCdoB, que era de uma aliança com o MDB e com alguns governos estaduais. Isso acabou neutralizando muito a possibilidade de o movimento secundarista se mobilizar. De alguma forma isso ocorre até hoje. Tenho uma certa frustração de ter ajudado criar entidades que depois de burocratizaram tremendamente e que hoje em dia são aparatos que bloqueiam as lutas.

COMO FOI SUA EXPERIÊNCIA COMO PRESIDENTE DA UPES?

Foi interessante. Participei de lutas mais gerais e estive presente em movimentos grevistas que levaram a própria organização da CUT. Havia uma série de convocatórias de greves gerais que a gente também levava para as escolas secundaristas. Depois houve o movimento de luta dos desempregados, na época dos saques de 1983. Eu fiquei preso uns 10 dias nesse processo porque distribui panfletos do movimento dos desempregados nas fábricas. Então a gente fazia uma serie de iniciativas de alianças com os sindicatos junto ao processo de construção da CUT. Neste sentido, o movimento secundarista foi parte de um movimento mais geral de derrubada da ditadura.

O TEMPO NÃO PÁRA

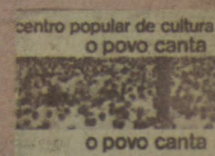
1937

No dia 11 de agosto, em meio ao crescimento do nazi-fascismo no mundo, e da instauração do Estado Novo no Brasil, é fundada a UNE.

1947

Une na campanha

Campanha do "o petróleo é nosso!" é feita em defesa da soberania do país e pelo monopólio brasileiro na exploração do petróleo.

1961

centro popular de cultura o povo canta

Criado o Centro Popular de Cultura da UNE (CPC), que declarava "nossa arte só irá onde o povo consiga acompanhá-la, entendê-la e servir-se dela.".

1964

No ano do golpe militar, inicia-se o acordo MEC/Usaid que tinha como objetivo adequar a educação brasileira ao modelo americano. A sede da UNE na praia do Flamengo é incendiada pela Ditadura e a entidade é jogada na ilegalidade.

1968

TODOS PRESOS
ASSIM ACABOU O CONGRESSO DA ex-UNE

Parte da capa da revista Veja

No dia 28 de março a ditadura assassina o estudante secundarista Edson Luis, seu enterro leva milhares de pessoas as ruas contra a ditadura. Em São Paulo, no dia 2 de outubro, começa a batalha da Maria Antonia, conflito entre os estudantes da Faculdade de Filosofia da USP e estudantes do Mackenzie.
No dia 12 de outubro, foi realizado o 30º Congresso da UNE em Ibiúna, que foi invadido pela polícia. Cerca de 900 estudantes são presos. Em dezembro de 1968 é decretado o Artigo Institucional nº 5.

Protesto no enterro de Edson Luis

1977

A PUC de São Paulo é invadida e incendiada durante encontro de estudantes. Neste mesmo ano as mobilizações contra a ditadura são retomadas.

1979

Acontece o Congresso de Refundação da UNE em Salvador. Iniciam-se grandes greves metalúrgicas no ABC paulista.

1992

Manifestações pelo "Fora Collor"

O movimento estudantil sai às ruas em manifestações pelo "Fora Collor" Depois do impeachment do presidente, a UNE apóia o governo Itamar.

1998

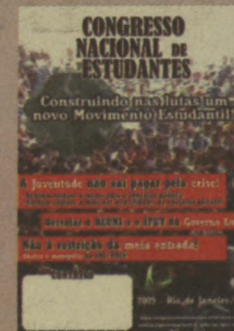
As universidades federais de todo o país protagonizam uma greve nacional, mas não contam com o apoio da UNE.

2004

Com Lula na presidência, a UNE apóia e se declara co-autora do projeto do governo de reforma Universitária. É realizado um Encontro Nacional contra a reforma Universitária no Rio de Janeiro, que funda a Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes.

2007

É formada uma frente de luta contra a reforma Universitária. Em maio a reitoria da USP é ocupada por 51 dias. Novas ocupações de reitorias se espalham por todo o país contra o REUNI – projeto que a UNE apóia.

2008

É convocado pelo Encontro Nacional de Estudantes e várias executivas de cursos o Congresso Nacional de estudantes para 2009.

2009

Escrever a história no Congresso Nacional dos Estudantes. A UNE não só entregou sua história para a rede Globo como também seus princípios ao governo Lula. Vamos resgatar nossa história. Ela está do lado dos que lutam. Alguns dizem que a história acabou, que a UNE não serve mais e nada mais servirá. Mas ignoram que história é uma luta social. E em cada luta nós a construímos. Cabe agora todos nós escrevermos as próximas linhas.